



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros),	48000
OITO MEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros),	25000
NUMERO AVULSO,	1000
SUPPLEMENTO,	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 6 de Junho de 1895.

N. 5

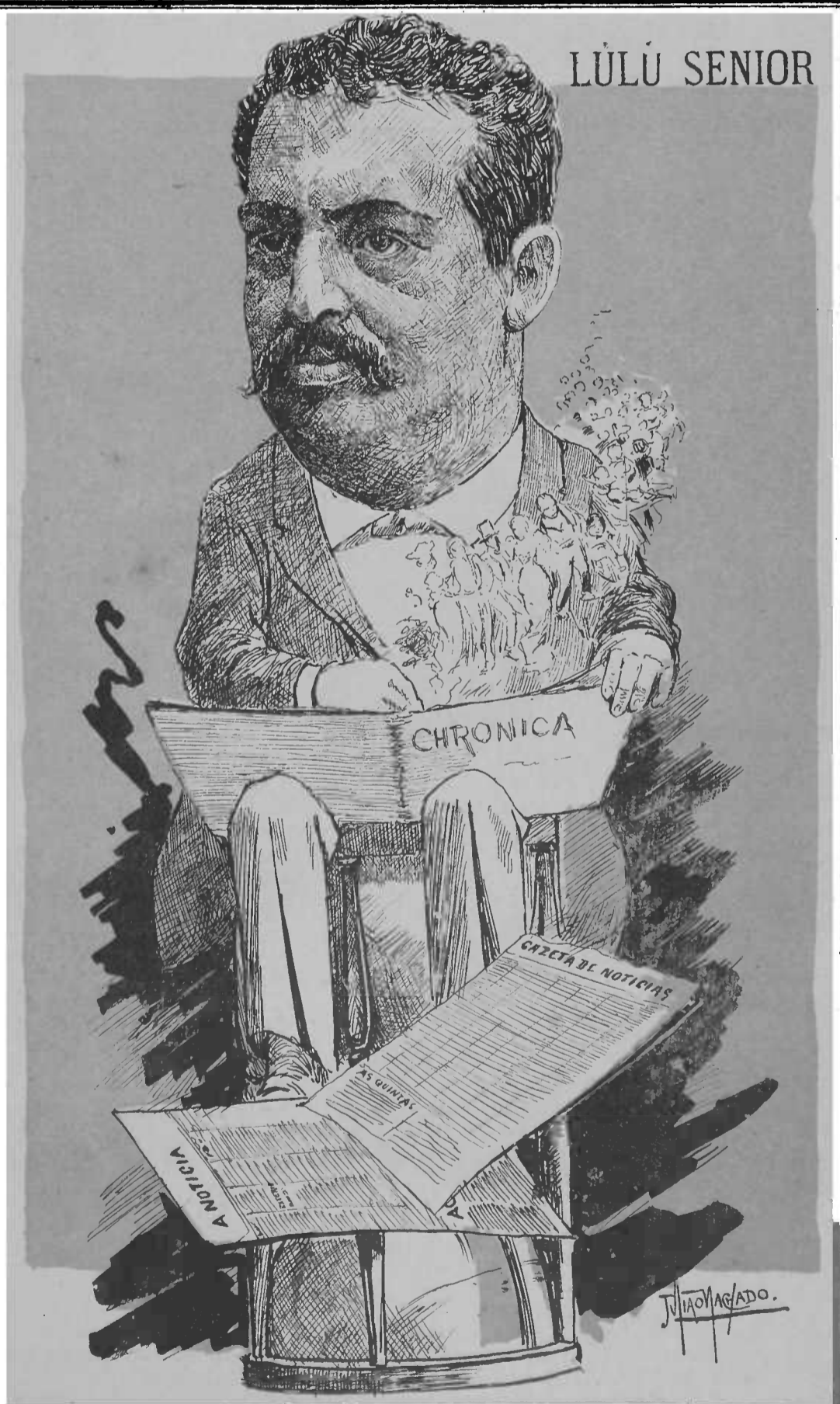
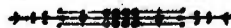
CIGARRAS E FORMIGAS

Com a *charge* de Lulú Senior inauguramos n'este numero a secção *Cigarras*. N'esta secção archivará *A Cigarra* as seguintes figuras de artistas, escriptores, musicos, esculptores, actores, *cigarras* emfim :

Machado de Assis, José do Patrocinio, Coelho Netto, Henrique Chaves, Martinho Garcez, Joaquim Nabuco, Luiz Murat, Andrade, Bernardelli, Rocha, José Barbosa, Ramiz Galvão, Dermeval da Fonseca, José Mariano, Figueiredo Coimbra, Medeiros de Albuquerque, Thomaz Ribeiro, Arthur Azevedo, Angelo Agostini, Aluisio Azevedo, Salamonde, Guanabario, Eugenio de Magalhães, Nilo Peçanha, Belmiro, Carlos Dias, Adelina Lopes d'Almeida, d. Francisca Julia da Silva, etc., etc.

Alternadamente, daremos a secção *Formigas*, galeria de commerciantes, politicos, financeiros, diplomatas :

Conde de Figueiredo, dr. Prudente de Moraes, dr. Piza e Almeida, conde Sebastião de Pinho, Mme. Guimarães, Manoel Ribeiro, Visconde de Guahy, Candido Sotto Maior, Barão Drumond, Madame Elisa Dreyffus, Silva Cotta, A. de Siqueira, Visconde Ferreira d'Almeida, Freitas Brito, barão do Alto Mearim, Juca Florista, Celestino da Silva, Visconde de S. Luiz de Braga, Visconde de Carvalhaes, Luiz Canedo, Azevedo Ferreira, Cambyaso, Julio Braga, Paul Frontin, Carlos Sampaio, Barão d'Oliveira Castro, Leon Decaps, dr. Francisco Portella, Luiz de Rezende, etc.





Dentro da alma de cada um de nós, — mesmo dentro de certas almas alpestres e duras como as rochas inacessíveis, — ha uma flor pequenina que não morre nunca, a flôr de ouro do Sonho. Vergastem-n'a os sóes da puberdade, sacuda-a o fecundo trabalho outonal da idade madura; sitem-n'a com as suas cadeias de gelo as tristezas do inverno, — a crysantema do Sonho não morre. E quando a gente se quer fazer pratica, procurando cerrar os olhos ao devaneio, para não perder de vista o lado chato da vida, — a florzinha de ouro tem um riso escarninho:

« Desgraçado! não conseguirás sepultar-me sob a alluvião indecente das tuas baixezas. Arroja-te á politica: faze do teu

caracter um saltimbanco, afestoa-o de guizos, enfarinha-o, arremessa-o á arena suja, para gaudío da galeria, expõe-o á venda n'uma rotula devassa! Atira-te ás especulações! come ouro, Moloch da Bolsa! estorce-te e arrebeta de uma indigestão de libras esterlinas! Procura dar pasto aos teus vicios, no leito das mais baixas ou das mais altas mulheres, na borra dos vinhos e no sarro ascoso do fumo e do opio! Mergulha a tua carne traca no bamburral da vida! Vive! e emporcalha-te, miseravel! — No fundo da tua alma, eu ficarei, sempre-viva, dando um toque da graça divina á tua immoralidade! »

E ah! que doce mez para o sonho é este mez das fogueiras e do frio! Os trez santos de junho, — Santo Antonio, o casador das moças, S. João, o precursor de Jesus e São Pedro, o porteiro do céu, — são os mais alegres da folhinha. Por uma gentileza fidalga, (porque é preciso notar que no céu, mais do que na terra, a boa educação é uma qualidade muito apreciada) os trez barulhentos padroeiros de junho deixam passar, antes da sua, a festa da suave Maria. E, quando Maio succumbe; quando sobre as festas mariannas os orgãos deixam cair, como uma chuva de flôres, as suas ultimas notas festivas; quando, confessadas e commungadas, as virgens, com o olhar banhado de gloria pelo reflexo do corpo do Senhor que as visitou, celebram na ultima procissão, victoriosa e branca, a suprema graça da Mãe de Jesus, — então, Santo Antonio, S. João e S. Pedro acordam, e tomam conta do céu e da terra.

E agora os vereis!

Santo Antonio, um meridional carinhoso e alegre, nascido na cidade de marmore e granito, plantada sobre o caes do Sudré á beira mar, — Santo Antonio, tão amigo das creanças que, depois de ver Jesus morrer aos trinta e tres annos, pediu-lhe que tornasse a ficar pequenino para que elle o pudesse trazer sempre ao collo, — Santo Antonio mette-se entre as onze mil virgens, desde o dia primeiro do mez, e, presidindo esse congresso de Puras, começa a deferir os requerimentos que lhe enviam da terra as moças ávidas de casamento.

Oh! que trabalho! que trabalho! ha tanta rapariga solteira n'este valle de celibatarios! o cambio está tão baixo! os viveres estão tão caros! ha tão pouca gente que se anime

a fazer familia! Os requerimentos chegam ao céu aos milhares, ás enchentes, aos bilhões de bilhões de remessas. Em cada repique de sino que sobe da terra, vão, equilibrados nas azas cantantes das badaladas, turbilhões de votos ardentes, de pedidos afflictos, de exigencias. Todas as moças querem marido!... E Santo Antonio, n'uma dobadoira, não tem mãos a medir. Algumas das supplicantes, cansadas de esperar, passam uma corda pelo pescoço d'uma effigie do santo e arremessam-na ao fundo escuro e frio de um poço... Mas, Santo Antonio, suado e offegante, entre as suas onze mil virgens, não tem tempo para se zangar com essa impertinencia.

E as onze mil virgens, entre risadas claras, (ah! ninguém imagina que claro, que vibrante, que harmoniosissimo som teem as risadas do céu!) dizem, para gracejar com o Casto Lisboaeta: « Bom santo! bom santo! vê que favor te fazemos nós, ficando no céu! vê que ventura o não precisar a gente de marido n'esta abençoada mansão! aqui estamos onze mil solteiras que não te importunamos, bom santo! »

E Santo Antonio, (que alegre Bemaventurado que é aquelle meridional!) ri tambem: « ao trabalho, meninas! ao trabalho! olhem que celebrô este anno o meu centenário, e quero dar á terra uma porção extraordinaria de maridos! »

S. João, esse, desde o dia primeiro, põe todo o céu de pernas para o ar. Quando o Padre Eterno, na sua cathedra de vapores de ouro e prata, cochila, cansado e velho, acubrunhado ao peso da sua eternidade, — o Precursor vae ansiosamente perguntar-lhe ao ouvido: « Senhor! quando chega o meu dia, Senhor? » — « E o Senhor extremunhado: « Cedo chegará, João, descança! » E o discipulo: « Ah! Senhor! quando chegar o meu dia, ficarei tão contente, que arrasarei o mundo! » E Deus fica murmurando consigo mesmo: « Eu te ensinarei, Exaltado! »

S. João vae d'alli a todos os Santos, dizer-lhes os projectos que affaga, e contar-lhes como, com uma pyrotechnia maravilhosa, conflagrará, para celebrar o seu dia, a morada dos Homens. E quando S. Prudente lhe diz que esse projecto é sanguinario, o Precursor lhe retorquê com desprezo: « Calla-te para ahi, pacato! tu és como um prudente da terra, que bem quer a paz, mas não a faz! »

Chega afinal a vespera do grande dia. O Senhor, que bem sabe de quanto João é capaz, procura, na sua Infinita Sabedoria, o meio de salvar a terra da explosão da alegria do Beato. E obriga-o a ler de fio a pavio toda a collecção da *Revista do Instituto Historico*. S. João adormece, como um santo de chumbo, e só acorda d'ahi a 48 horas, quando o seu dia passou. Acorda, esfrega os olhos, consulta a *folhinha Laemmerl* que está pregada n'uma das paredes do céu, e fica desesperado: « Senhor! Senhor! que crueldade a vossa! Pois está es ripto que nunca verei o meu dia, Senhor? »

E o Senhor, com um riso malicioso que lhe illumina as barbas brancas, diz, com bonhomia: « Paciencia, João! Saberás que o melhor da festa é esperar por ella, Exaltado! »

S. Pedro, esse, tem uma alegria mais calma, e, sobretudo, menos ameaçadora para os habitantes da terra.

O Pae da Igreja, — vendo que os homens apezar de toda a sua maldade original, não o esquecem, e arruinam-se em balões, em bichas da China, em batatas e carás, para glorificar-o, — faz a vista grossa para os peccados do mundo... Assim, todos os santos, no primeiro dia de Junho, dizem logo: « Vae entrar este mez muita gente para aqui! » E' que o Velho Santo fica de uma condescendencia sem limites. Quando um maçon bate á porta do céu, S. Pedro procura dar á face um ar de indignação, e brada: « Pois você tem a coragem de querer entrar no céu, seu hereje? não entra, pedreiro-livre! não entra, patife! » E dá-lhe as costas, mas deixa a porta aberta... por descuido. O maçon entra e, quando dão por elle, já o veem com azas de escumilha nos hombros, tocando cythara ao lado de Santa Engracia.

Dizem que foi no mez de junho que Lovelace, graças a essas vaidades de S. Pedro, conseguiu entrar na Mansão da Luz. O grande Santo deixou-o passar, perdoou-lhe os peccados, purificou-o, e disse-lhe entre dois sorrisos: « Agora veja lá o que vae fazer, seu devasso! olhe que aqui dentro ha virgens a dar com um paul... Se faz qualquer asneira... lembre-se do exemplo de Abeilard... »

Como não hão-de os trez santos de junho amar este mez, em que a terra consome fortunas em polvora e papel de côr, para se recommendar á sua protecção e á sua benevolencia?

Ha quem diga que os santos, que brincam com os planetas como nós brincamos com as bolas de bilhar, não chegam a vêr os balões radiantes, que mandámos ao céu enfiados pela fumarada do piche...

Tolos! em verdade vos digo que os tres Padroeiros da Pyrotechnia dão mais attenção aos nossos aerostatos de papel que ao Anel de Saturno e aos Satellites de Jupiter. Cada um faz o barulho que póde: Deus faz barulho com as trovoadas, e nós com as cartas de bichas; a intenção é que é tudo, neste particular como em todos os outros.

Depois, é tão bom imaginar que as nossas preces não se perdem! é tão bom sonhar que, realmente, ha santos alegres que não odeiam o mundo...

Sonhos de junho! flores de ouro das almas! abri-vos e fulgurae, pondo o correctivo de um pouco do aroma celeste sobre as emanções mephiticas da estrumeira da vida!...

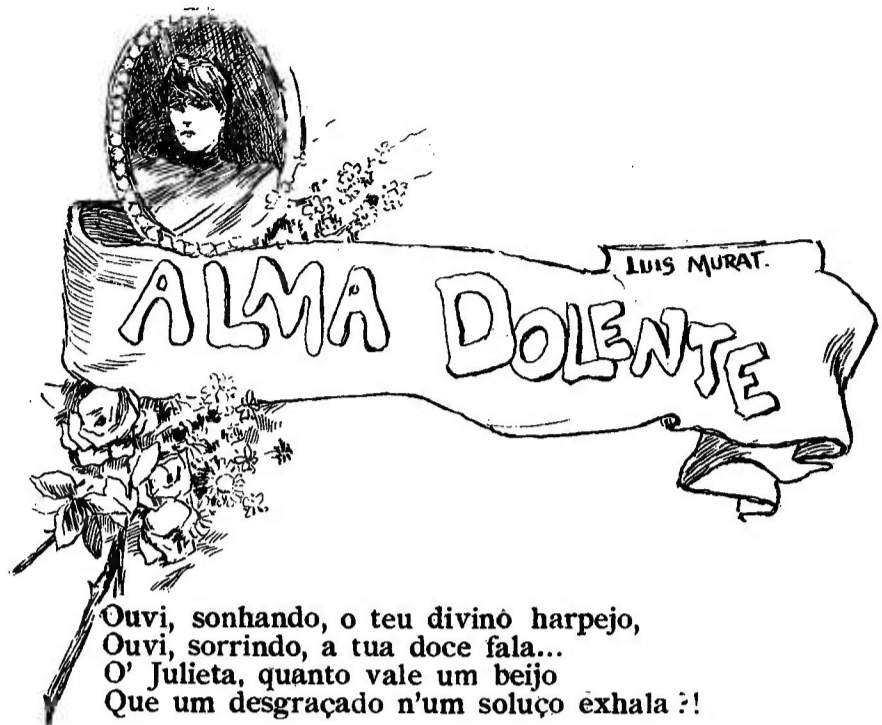
Fantasio.

O EDEN-LAVRADIO



Da bilheteria ao salão do theatro a distancia é tamanha, que o espectador compra o bilhete e, quando vae apresental-o ao porteiro, ouve com espanto a seguinte declaração:

— Perdão! este bilhete era para o spectaculo de hontem!...



Ouvi, sonhando, o teu divinó harpejo,
Ouvi, sorrindo, a tua doce fala...
O' Julieta, quanto vale um beijo
Que um desgraçado n'um soluço exhala?!

Sou a tristeza da tarde,
A voz da brisa, que passa;
Bem sei que sou um covarde,
Tem dó da minha desgraça!

N'uma saudade desmaiada e triste
Lanço aos espaços funerarios a alma,
E o atro oceano, que aos meus ais resiste,
Murmura ao longe: « Teu martyrio acalma!

Calma não tem quem padece,
Nem quem um leito procura:
O coração fortalece
Na sua propria amargura.

Como deixar de amar, sonhos enganadores?
Como deixar de crêr, se a vida é um sonho apenas
Que acorda a lyra e faz desabrochar as flôres,
Que incende o peito e faz embrandecer as penas?

Na tristeza em que me arrasto
Minh'alma foge com ella.
Procuro-a—o céu é tão vasto
E no céu ha tanta estrella!...

No murmurio da aragem que suspira
Uma canção, ignota, entre os sylvedos?
No terno canto que na matta expira,
Entre ninhos dulcisonos e ledos?...

Dizei-me, sagrados numes,
Onde está minha senhora,
Com todos os seus perfumes,
Chorando ou sorrindo, agora?

Alma saudosa que ao romper do dia
O coração desfazes em gemidos,
Ouve essa casta e errante melodia
Que atravessa os sertões adormecidos.

Ouve-a, que, ouvindo-a, teu peito
Generá mais brandamente,
Como deslisa no leito
Tranquilla e mansa corrente...

A saudade me absorve a alma inteira, e desperta
Um funereo torpor nos meus queixosos annos,
E lança-me, mal sóbe a luz da tarde incerta,
Sobre vastos areaes, oceanos sobre oceanos...

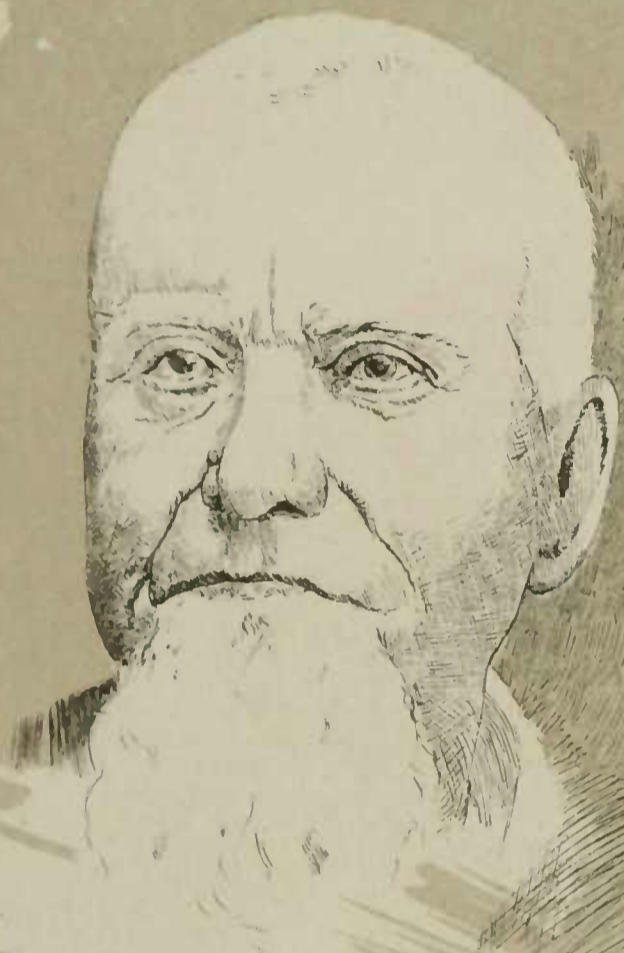
Dizes-me, emtanto, que escute
A voz que o mysterio encerra.
Quem ha que mais do que eu lucte
Para ser feliz na terra?

Luis Murat.

A Revista Illustrada, no seu numero de sabbado ultimo, além de amaveis referencias a esta folha, deu no texto um bellissimo retrato do nosso Julião Machado. A Cigarra beija affectuosamente o Pereira Netto e o Luiz de Andrade, agradecendo-lhes a fineza fidalga.

SALDANHA MARINHO

SALDANHA MARINHO, a quem já a patria agradecida conferiu, em vida, o titulo de PATRIARCA DA REPUBLICA, continua, depois de morto a dirigi-la, porque o BRASIL guardará piedosamente a memoria da sua PROBIDADE e do seu CIVISMO.



FALLECIDO NO DIA 28 DE MAIO

ERMETICISMO



Homagem d' A CIGARRA ao grande artista, em cujo talento encontram a mesma genial interpretação: o supremo Lyrismo de Shakespear e a suprema Ironia de Moliere

A Cigarras

J. MACEDO



O phantasma do sebastianismo ainda vive. A cada instante, retiram-no do porão em que é costume guardar os trastes velhos, escovam-no, avivam-lhe a vermelhão os olhos fúribundos, aprumam-no ao meio da rua, e desancam-no a pauladas, —bóde expiatorio de todas as asneiras, valvula de todas as coleras, nariz de cêra para todas as defezas.

X

Em creança, passei longos annos confinado em um collegio severo, em que havia palmatoria de mais e comida de menos. O director, velho padre avarento, dava-nos em bolos o que nos negava em beefs. E, então, havia no collegio um espantalho, chamado Indisciplina, que

fazia o mesmo papel que hoje faz na politica o Sebastianismo. Para todas as queixas, para todas as reclamações, para todos os pedidos, havia esta solução summaria e inappellavel: - Indisciplina! dê cá a mão! » E o reclamante, com a mão inchada, habituava-se a venerar e a temer essa Potencia sobre-humana, essa invisivel e impalpavel Indisciplina, que sobre todas as injustiças, sobre a fome e a sede, sobre as suppressões da transpiração e sobre as deficiencias da ração, pairava. —inatacavel e temerosa.

Se um de nós, cahindo de fraqueza ou de febre, ia ao superior, —elle sacava do bolso a fêrula negra, de jacarandá, em que cinco olhos pequeninos se abriam symetrica e escarinhamente:

- Que ha, meu filho?
- Padre-mestre! com licença de Vossa Reverendissima, o que ha é que o pão do almoço não chegou para todos, e...
- Indisciplina! dê cá a mão!
- Padre mestre! dentro do feijão havia um rato...
- Indisciplina! dê cá a mão!
- Padre-mestre! as janellas do dormitorio estão quebradas... constipei-me... tenho muita febre...
- Indisciplina! dê cá a mão!

E no ar modorrento do salão de estudo, os bolos troavam como uma tempestade.

X

Assim, o Sebastianismo. Se um homem se rebella contra a deshumanidade com que se matou gente inoffensiva, clama-se contra elle, apontando-o ao odio jacobino,—como se o ideal da Republica fosse o assassinato fria e premeditadamente posto em pratica.

Se um senador quer saber em que cousas foi gasto o dinheiro do Thesouro, vem o mundo abaixo com a grita dos jacobinos: Sebastianismo!

Se o commercio diz que, com o cambio a zero, será obrigado a fechar portas e burras, ahi vem o clamor ultrarobesperriano: A' força o sebastianismo-ladrão!

E quem nega o seu apoio incondicional ao leão de Cambuquira é um monarchista perigoso, que ameaça as instituições. Desgraçadas instituições que têm medo de que haja um governo, capaz de zelar o dinheiro e a vida de cada um de nós!

Mas, ha poucos dias, o commercio, — que é quem mais carrega com a pécha de sebastianista — prestou á memoria veneranda de Saldanha Marinho a mais simples e ao mesmo tempo a mais commovedora homenagem jámais prestada á memoria de um chefe politico. Não houve casa commercial que não puzesse a meio pão a bandeira nacional. E mais ainda: entre as bandeiras da Republica, viam-se todas as bandeiras estrangeiras, tambem piedosamente enlutadas. Alguem encommendou essa homenagem ao Commercio?

Depois, é preciso notar que o grande e puro homem, sobre cujo tumulto todos os corações republicanos choraram,

foi o primeiro a clamar,— como os chamados sebastianistas de hoje,— contra a politica de arruaça, de esbanjamento e de violencia com que os pedreiros da Democracia do fusilamento consolidaram a Republica. Pouco antes de 10 de abril, pouco antes d'essa tragi-comedia, em que collaboraram fraternalmente Florianos e Custodios, Serzedellos e Glycerios, — Saldanha Marinho, em carta dirigida á redacção d'*O Combate* e que nas collecções d'esse jornal figura, disséra que o benemerito marechal de Cambuquira detinha illegalmente nas mãos o poder.

E já a sua voz sagrada, em que oitenta annos de honra e de amor da justiça fallavam, declarara que não era aquella a Republica sonhada pela sua grande alma...

X

Ah! o Sebastianismo!... Meus senhores! sómente

*As creanças tem medo á noite, ds horas mortas
Do papão que as espera, hediondo, atraas das portus...*

L. F. •

Livros novos, annunciados para o mez de Junho, e que *A Cigarra* indica ao bom gosto dos seus leitores: *O Rei Phantasma*, romance de Coelho Netto; *Livro de uma sogra*, romance de Aluizio Azevedo; *Alma alheia*, contos de Pedro Rabello; *Alma Primitiva*, contos de Magalhães de Azeredo.



— Não votes 'contra' não? Sua necessidade temos nós de arranjar inimigos...?

A Cigarra, no seu segundo numero, agradeceu publicamente ás pessoas que, pelo correio, lhe enviaram felicitações. Corre-lhe agora o dever, para não ser ingrata, de tambem agradecer ás pessoas que, em affabilissimas cartas anonymas, a têm descomposto a proposito do incidente Erico. Isso, amigos! isso! descomponham-nos, mas leiam-nos!

VEDADA.

Tu és para mim como uma cidade maravilhosa, defendida por muralhas altíssimas. E, em torno d'essas muralhas, eu ando rodando, rodando, de noite e de dia, palpando essas pedras que me ensangüentam as mãos.

— Cidade do amor! cidade da luz! quando me abrirás, piedosa, as tuas portas?

Rompe a manhã. Um dilúvio de fogo invade o céu. E emerges resplandecendo, n'um desalinho matinal, do banho de chammás do sol. E eu, misero! e eu, louco! apenas posso, de baixo, avistar ansiosamente os cimos das tuas arvores gloriosas, sacudindo a folhagem á carícia da luz.

— Cidade do bem! cidade do amor! quando me abrirás, piedosa, as tuas portas?

Sol a pino. Rumorejas, vozeias, na agitação do trabalho e da vida. E eu posso apenas, de baixo, ansiosamente, eu, louco! eu, misero! ver elevarem-se, radiando, as agulhas esbeltas das tuas torres orgulhosas, em torno das quaes se desfia sereno o vôo das andorinhas errantes.

— Cidade do amor! cidade da luz! quando me abrirás, piedosa, as tuas portas?

Tarde. Novas purpuras rolam no céu. Vibra o staccato suave da voz das ultimas aves. Uma poeira cinzenta fluctua no ar. Approxima-se a noite. Uma estrella fulgura, pallida, sobre ti, dominando-te toda, como se fosse o meu sonho, a espiar-te. E a noite cáe, silenciosa, desenrolando sobre o teu socego a onda clara da via-lactea.

— Cidade do bem! cidade do amor! quando abrirás, piedosa, as tuas portas?

Silencio. Treva. N'um ultimo suspiro, n'um ultimo esprequiçamento voluptuoso, adormeces... E eu, louco! eu, misero! collo o ouvido á muralha de pedra, para te ouvir o calmo offego no somno. E um desespero angustioso me cresce na alma, e sobe-me aos olhos uma enchente de lagrimas, e ruge-me o sangue nas veias, e recomeço a rodar, a rodar, furioso e esfaimado, em torno d'essas muralhas, como um lobo feroz em torno de um aprisco...

— Cidade da luz, quando me abrirás as tuas portas? quando me abrirás as tuas portas, cidade do amor?

THEATROS



Não veio a companhia lyrica. E' o primeiro anno este, em que o Rio de Janeiro, desesperado, ousa confessar em voz alta que está pobre, arrebatado, « na espinha ».

A arrebatção não começou agora. Já ha um bom par de annos que, a *haute-gomme* faz prodigios de economia dentro de casa, para poder manter cá fóra uma certa apparencia de prosperidade. Corta-se um prato no *menu* do jantar, reduz-se o numero de *toilettes* mensaes, passa-se do *Grand Chambertin Royal* ao modesto *Bordeaux Lupipe*, — para conservar o *coupe* e a parrelha ingleza. Este anno, ao que parece, a corda estala, de tão esticada que está. Valha-nos S. Pedro, já que S. Paulo não nos acóde.

E Novelli? O publico não terá ao menos dinheiro para se dar o regalo da audição do phenomenal artista? Novelli...

Perdão! antes de mais nada, deixem-me abrir um paréntesis.

Vicente Reis deu ao palco do Sant'Anna uma outra revista sua. E' a *Bicharia*, revista de trimestre. Graças a Deus, esta não tem muita politica... E, depois, corre-me o dever de achal-a muito bem feita. O amavel Vicente não esqueceu *A Cigarra*, cuja figura é gentilmente incarnada na sra. Villart. Acho na *Bicharia* um defeito: devia chamar-se *A Cigarra*, e ser toda consagrada a exalçar a formosura e a galhardia desta adorada folha, de que eu sou o *Sarcey à la minute*.



Emfim, assim como está, não está mal: tem graça leve, e é feita com talento. *A Cigarra* agradece ao joven Reis a sua amabilidade.

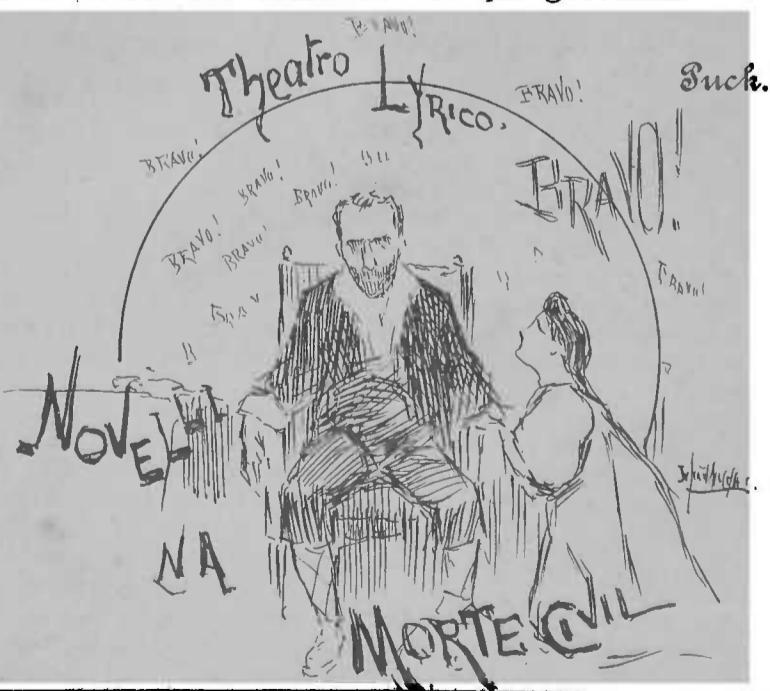
A proposito: sei que o meu caro Moreira Sampaio já entregou ao *Eden* a sua revista de anno *Rio Nô*, em que tambem, ao que me consta, se faz á *Cigarra* uma espantosa reclame...

Mas o espaço desta columna é pequeno e Ermete Novelli é Grande. Fallemos d'elle quanto antes! fallemos quanto antes do prodigioso artista, que actualmente honra e illumina com a sua presença o palco brasileiro. Já o vimos no *Papa Lebonard* de Aicard, na *Morte civil*, de Giacommetti, e no *Luz XI* de Delavigne. O grande Novelli apparece-nos agora maior, mais sobrio, mais verdadeiro, mais humano.

Mas, nessas peças, ainda o artista não revela todos os seus extraordinarios recursos. Em breve, quando o seu talento se mover á vontade dentro do genio de Shakespeare e de Molière, quando o ouvirdes rugir a colera de Othello e o virdes apertar os cordões da bolsa de Harpagon—comprehendereis que Ermete, vindo ao Rio de Janeiro, faz á nossa relaxada e burgueza cidade mais do que um favor: uma esmola.

Não sei já qual foi o chronista que aconselhou ao actor Martins, director do Theatro Normal da Fdilidade, que não perdesse uma só das recitas de Novelli. Eu reeditaria esse conselho, se não tivesse medo de magoar o sr. director Martins.

Porque esse propecto actor é hoje qualquer cousa como ministro e secretario de Estado dos Negocios do Theatro e uma dolorosa experiencia, de xadrez e de desterro, me tem ensinado a não dar conselhos aos que governam.



OS PAES DOS NOSSOS NETOS



- Também não vai ao curso, hoje?
- Não posso! Tenho de ir derrubar o ministério!